

roberto alban galeria

CÉLIA EUVALDO PINTURAS

exposição

04.09 a 16.10 2021

*exhibition*

*09.04 to 10.16 2021*

roberto alban galeria

# CÉLIA EUVALDO PINTURAS

A Roberto Alban Galeria tem o prazer de anunciar a primeira exposição da artista Célia Euvaldo (São Paulo, SP, 1955) na galeria, também sua primeira mostra individual na Bahia. A artista, amplamente conhecida por suas pinturas em preto e branco, realizadas ao longo de mais de três décadas, apresenta um conjunto inédito de trabalhos em que explora a presença da cor, dando continuidade a sua pesquisa iniciada em 2016.

A partir de meados dos anos 1980, Célia Euvaldo investiga, majoritariamente no campo da pintura, as relações entre gesto e matéria. Suas telas de grande formato exploram as múltiplas possibilidades da relação entre o branco e o preto, em uma fatura marcada pela riqueza de texturas, nuances e gestualidade.

Pintora e desenhista, Célia Euvaldo marca um importante período da arte contemporânea brasileira, participando de mostras como a 7ª Bienal Internacional de Pintura de Cuenca, no Equador, em 2001 e da 5ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, em 2005, e realiza individuais em instituições

como a Pinacoteca do Estado de São Paulo, intitulada "Branços", em 2006, Instituto Tomie Ohtake em 2013, entre outros. No âmbito internacional, a artista participa da mostra coletiva "Cut, Folded, Pressed & Other Actions" na David Zwirner Gallery, em Nova York, em 2016.

A dimensão física do corpo da artista na realização de seus trabalhos é um dos aspectos fundamentais como chave de leitura para a compreensão de sua produção artística. Suas telas são fortemente marcadas pela relação entre seu corpo e a escala do quadro, revelando - em camadas insuspeitadas e mesmo surpreendentes - a presença do gesto como força motriz e fundamental em sua criação.

"Um aspecto do meu trabalho é a presença do gesto. Mas não me refiro ao gesto expressivo, impulsivo, de descarga emocional. É o gesto em si, ou melhor dizendo, o esforço, a energia do gesto. Para isso, as dimensões grandes são essenciais. Isso vem desde meus trabalhos mais antigos, de 30 anos atrás", afirma a artista.

Desde 2016, Célia Euvaldo tem se dedicado a uma investigação inédita em sua vasta produção pictórica, realizando um corpo de trabalho com a presença de cores abertas, como o vermelho, o laranja e o lilás. Os trabalhos reunidos para sua primeira exposição na Roberto Alban Galeria apontam, justamente, para este momento de ruptura e renovação de sua obra.

São pinturas que instauram, portanto, uma harmoniosa convivência entre o usual P&B e uma nova paleta de cores – telas que conjugam o preto em suas habituais texturas espessas, a partir de um uso robusto da tinta a óleo, a seções coloridas realizadas com a tinta mais diluída, em tons mais discretos de cinza ou em tonalidades fortes de cores laranja, azul e variações.

“Em todos os quadros eu deixo uma parte da tela sem pintar. Faço isso porque vejo essas duas matérias como “coisas”, “corpos”, algo quase escultórico. Se eu cobrisse toda a tela, essas “coisas” virariam áreas, e não quero isso. Quero esse peso e materialidade de coisa”, acrescenta a artista.

O texto do historiador e crítico de arte Ronaldo Brito reflete também sobre esta nova fase da pesquisa de Célia Euvaldo:

“A meu ver, (...) as cores vibrantes surgem como fatores a mais de irritação e questionamento em uma pintura que opera numa área exígua e tira sua força ao vencer, repetidamente, a ameaçadora entropia. A questão substantiva passa a ser a seguinte: como agem esses contrastes cromáticos, às vezes gritantes, em um espaço pictórico que até então se resumia às invasões maciças do preto sobre o branco, a renegociar os limites entre a forma e o informe? Assim como ocorre com o preto marfim, também as cores abertas não destilam uma química de pintura, empenhadas em revelar a identidade única deste violeta, desse laranja ou daquele azul. Elas irrompem no quadro, resolutas, instintivamente misturadas e diluídas”.



roberto alban galeria

# CÉLIA EUVALDO PAINTINGS

*The Roberto Alban Art Gallery is pleased to announce for the first time an exhibition of the artist Célia Euvaldo (São Paulo, 1955), also her first solo show in Bahia. The artist, widely known for her black and white paintings, produced over three decades, presents a new set of works in which she explores the presence of color, continuing the research she started in 2016.*

*Since the mid-1980s, Célia Euvaldo has investigated, mainly in the field of painting, the relationships between gesture and matter. Her large canvases explore the multiple possibilities of the relationship between the white and the black, a work marked by a richness of textures, nuances and gestures.*

*Painter and designer, Célia Euvaldo marks an important period of the Brazilian contemporary art, participating in exhibitions like the 7th Cuenca's International Painting Biennial, in Ecuador, in 2001 and the 5th Mercosul Biennial, in Porto Alegre, in 2005 and carrying out solo shows in institutions such as the Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brancos, in 2006, Instituto*

*Tomie Ohtake in 2013, among others. In the international ambit, the artist participated in the group exhibition Cut, Folded, Pressed & Other Actions at the David Zwirner Gallery, in New York, in 2016.*

*The physical dimension of the artist's body in the production of her works is one of the key aspects for the comprehension of her artistic production. Her canvases are strongly marked by the relationship between her body and the scale of the painting, revealing – in unsuspected and even surprising layers – the presence of the gesture as a fundamental driving force in her creation process.*

*"One aspect of my work is the presence of the gesture. But I don't refer to the expressive, impulsive gesture, of emotional release. It's the gesture in itself, or better, the effort, the energy of the gesture. For this, the large dimensions are essential. It comes from my oldest works, 30 years ago", says the artist.*

*Since 2016, Célia Euvaldo has dedicated herself to a new investigation in her vast pictorial production, producing a body of work with the presence of open colors, such as red, orange and purple. The works gathered for her first exhibition at the Roberto Alban Art Gallery point, precisely, to this moment of rupture and renewal in her work.*

*These are paintings that establish, therefore, a harmonious relationship between the usual b&w and a new color palette – canvases that combine the black in its usual thick textures, from the robust use of the oil paint, to colorful sections produced with more diluted paint, in more discreet shades of gray or in strong shades of orange, blue and variations.*

*"In all the paintings I leave a part of the canvas blank. I do this because I see these two matters as "things", "bodies", something almost sculptural. If I covered the entire canvas, these "things" would become areas, and I don't want that. I want this weight and materiality of thing", adds the artist.*

*The text of the historian and art critic Ronaldo Brito also reflects on this new phase of Célia Euvaldo's research:*

*"In my view, (...) the vibrant colors emerge as extra factors of irritation and questioning in a painting that operates in an exiguous area and takes its force from winning over, repeatedly, the threatening entropy. The substantive question becomes the following: how do these chromatic contrasts, sometimes glaring, act in a pictorial space that until then was resumed to the massif invasions of the black over the white, to renegotiate the limits between the shape and the shapeless? As it occurs with the ivory black, the open colors don't distillate a painting chemistry, engaged in revealing the unique identity of this purple, of this orange or that blue. They irrupt in the canvas, resolute, instinctively mixed and diluted."*

## Instáveis, incertas, íntegras

Ronaldo Brito

As telas de Célia Euvaldo começam como uma presença física e ostensiva. Só que, evidentemente, não têm princípio, meio e fim. Nem um pouco narrativas, elas procuram sustentar ao máximo seu pleno aparecimento. E porque precisam atrair e intrigar uma percepção atenta, que as acompanhe e faça justiça, dependem da capacidade renovada de se problematizar. Visivelmente, resultam de momentos pictóricos díspares senão conflitantes. Na condição, porém, de que terminem todos juntos! Em suma, seu destino é perseguir, de novo e a cada vez, sua realização incerta.



CÉLIA EUVALDO *PAINTING*

## *An unstable whole*

Ronaldo Brito

*The paintings by Célia Euvaldo begin with a physical and ostensible presence. They do not evidently have, however, a beginning, middle and end. Lacking any narrative content, they seek to assert their full appearance to the maximum. And because these paintings need to attract and intrigue an attentive perception, which would focus on them and do them justice, they depend on their continuously renewed capacity to be problematized. Visibly, they result from disparate if not conflicting pictorial moments. On the condition, however, that they end up all together! In short, their destiny is to constantly pursue, anew, their own, uncertain realization.*







À medida que controla seus meios e modos, domina sua artesanania e delimita seu território poético, todo artista corre o risco de esterilizá-los. Risco notório, trivial e terrível. No caso de Célia Euvaldo, esse risco agrava-se em escala considerável; o perigo ronda, iminente, esses grandes quadros que só se resolvem a quente, no ímpeto do instante.

Daí seus procedimentos restritos, francos e diretos, consoantes uma disciplina estética que pretende fazer coincidir intenção e ação. Nada há de ficar latente ou oculto: tudo deve se expor à superfície. Os supostos acidentes menores, as incidências matéricas fortuitas, a demandar um olhar próximo e inquisitivo, contam como fatores de inervação nessa pintura que não desiste de ativar uma percepção qualificada, transformadora de mundo.

A tela arma um campo de forças plásticas cuja natureza é necessário e imprescindível especificar. Ao contrário de uma primeira e falsa impressão, não se trata de manchas informes, expressivas, a revolver dilemas subjetivos. Tampouco, entretanto, assistiríamos à busca por uma protogeometria, o princípio originário de formação da Ordem. À sua maneira, essas telas praticam uma topologia atual, a todo custo querem envolver

e tornar indissociáveis gestos, suporte e superfície. Não contemplamos o mundo à distância: tomamos parte ativa nele. A pergunta pela forma será portanto, desde logo, operatória. Pela mesma razão, essas operações assumem caráter cognitivo e afetivo, a conferir o conteúdo de verdade e a vitalidade dos acontecimentos plásticos que vêm a produzir. Já o óleo um tanto rude que empregam responde a apelos corpóreos, a aguçar nosso senso de presença atuante no mundo.

Ao longo do tempo, o trabalho de Célia Euvaldo vem nos desafiando por meio de um duplo e exclusivo exercício perceptivo, entre o preto demasiado cheio e o branco (enganosamente) vazio. A recente e súbita intervenção de cores abertas – que chegaram de dentro para fora, sem compromissos extrínsecos – exigiria, ou não, uma releitura radical que retome

o trabalho desde o início? Se fosse este o lugar, haveríamos de nos estender em uma digressão crítica. Por ora, constatemos somente a inépcia do clichê: ausência de cor. Como assim? Pretos e brancos têm suas respectivas luzes, e brilham. A copresença de vermelhos, amarelos ou azuis complica, sem dúvida, o desfecho das telas, ao mesmo tempo, de pronto as individualiza. Um quadro vermelho não é um quadro azul. As cores intempestivas imprimem a cada um deles certo tônus existencial, temperamentos distintos. O que, nem de longe, altera o núcleo de sua personalidade artística. A meu ver, e aí incidiria o argumento decisivo, as cores vibrantes surgem como fatores a mais de irritação e questionamento em uma pintura que opera numa área exígua e tira sua força ao vencer, repetidamente, a ameaçadora entropia. A questão substantiva passa a ser a seguinte: como agem esses contrastes cromáticos, às vezes gritantes, em um espaço pictórico que até então se resumia

às invasões maciças do preto sobre o branco, a renegociar os limites entre a forma e o informe? Assim como ocorre com o preto marfim, também as cores abertas não destilam uma química de pintura, empenhadas em revelar a identidade única deste violeta, desse laranja ou daquele azul. Elas irrompem no quadro, resolutas, instintivamente misturadas e diluídas. A sabedoria consiste em achar sua “temperatura”, o grau de intensidade que as confronte e aproxime aos pretos e brancos com os quais se estranham e convivem. Muito menos funcionariam como sinais gráficos, nítidos, positivos, a guiar um processo formal, de antemão, seguro de si. Pelo contrário, como prova sua fatura rápida e líquida, em tudo oposta ao preto matérico, castigado de ranhuras, elas introduzem uma descontinuidade flagrante nessas telas que, justo porque sustentam uma forma instável – não cedem, enfim, a uma prévia harmonia – se mostram tão íntegras.

CÉLIA EUVALDO PAINTING

*When controlling his or her media and modes, mastering his or her craft, and delimiting his or her poetic territory, every artist runs the risk of sterilizing them. A notorious, trivial and terrible risk. In Célia Euvaldo's case, this risk is heightened on a considerable scale; an imminent danger lurks all around these large paintings, which are only resolved in the heat of the act, in the impetus of the instant.*

*It is for this reason that she uses restricted, frank and straightforward procedures, consistent with an aesthetic discipline aimed at making intention coincide with action. Nothing should remain latent or hidden: everything should be shown on the surface. The supposedly little accidents, the fortuitous materic incidences in these paintings beckon the viewer to inquisitively draw closer, operating as factors of innervation that undeniably activate a qualified perception, transforming worlds.*

*On the canvas a field of plastic forces arises, whose nature must be specified. Contrary to a first and false impression, these are not shapeless, expressive blotches revolving around subjective dilemmas. Nor are we witnessing a search for a proto-geometry, an originating principle for the formation of Order. In their own way, these canvases practice a current topology, aiming at all cost to involve the gestures, the support, and the surface, making them indissociable from one*

*another. We do not contemplate the world at a distance: we become an active part of it. The questioning in regard to form will therefore be, from the outset, operative. For the same reason, these operations take on a cognitive and affective character, when the viewer confers the true content and the vitality of the plastic events they come to produce. For its part, the somewhat crude oil paint responds to bodily appeals, sharpening our sense of an active presence in the world.*

*Over time, Célia Euvaldo's work has come to challenge us through a double and exclusive perceptive exercise, between the abundantly full black and the (deceptively) empty white. The recent and sudden intervention of bright colors – which arrived from the inside out, without extrinsic commitments – could demand a radical rereading of her work from its outset, or perhaps not. Though it is outside our scope here, this could require a critical digression.*

*For now, we only note the unsuitability of the cliché “absence of color.” What absence? Blacks and whites have their respective lights, and shine. The copresence of reds, yellows or blues doubtlessly complicates the conclusion of the canvases, while simultaneously individualizing them. A red painting is not a blue painting. The unexpected colors lend each painting a certain distinct existential tone and temperament. Which does not in any way alter the core of its artistic personality. As I see it – and here lies the decisive consideration – the bright colors arise as additional factors of irritation and questioning in a painting that operates in a restricted area and becomes empowered by repeatedly winning out against the threatening entropy. The significant question becomes the following: how do these sometimes strident chromatic contrasts operate in a pictorial space that was previously restricted to massive invasions*

*of black on white, renegotiating the limits between the form and the formless? Just as what takes place with the ivory black, the bright colors likewise do not instill a chemistry of painting, aiming to reveal the unique identity of this violet, or that orange or that blue. They burst forth on the canvas, resolute, instinctively mixed and diluted. The wisdom lies in finding their “temperature,” the degree of intensity that contrasts and approximates them to the blacks and whites with which they uneasily coexist. Nor do they operate as clear, positive graphic signs, guiding an already secure formal process. Rather, as evinced by their quick and liquid making, totally opposed to the materic black, afflicted with furrows, they introduce a flagrant discontinuity in these canvases, which precisely for sustaining an unstable form – they do not give in to a previous harmony – are revealed as a single integrated whole.*



“Em todos os quadros eu deixo uma parte da tela sem pintar. Faço isso porque vejo essas duas matérias como “coisas”, “corpos”, algo quase escultórico. Se eu cobrisse toda a tela, essas “coisas” virariam áreas, e não quero isso. Quero esse peso e materialidade de coisa”, acrescenta a artista.

*"In all the paintings I leave a part of the canvas blank. I do this because I see these two matters as "things", "bodies", something almost sculptural. If I covered the entire canvas, these "things" would become areas, and I don't want that. I want this weight and materiality of thing", adds the artist.*







The image features a vertical orange band on the left side, transitioning into a large black area with a fine, horizontal, textured pattern. The word "OBRAS" is centered in white text within the black textured area.

OBRAS

roberto alban galeria



**Sem título** | 2018  
Óleo sobre tela  
*Oil on canvas*  
140 x 240 cm

CÉLIA EUVALDO PINTURAS



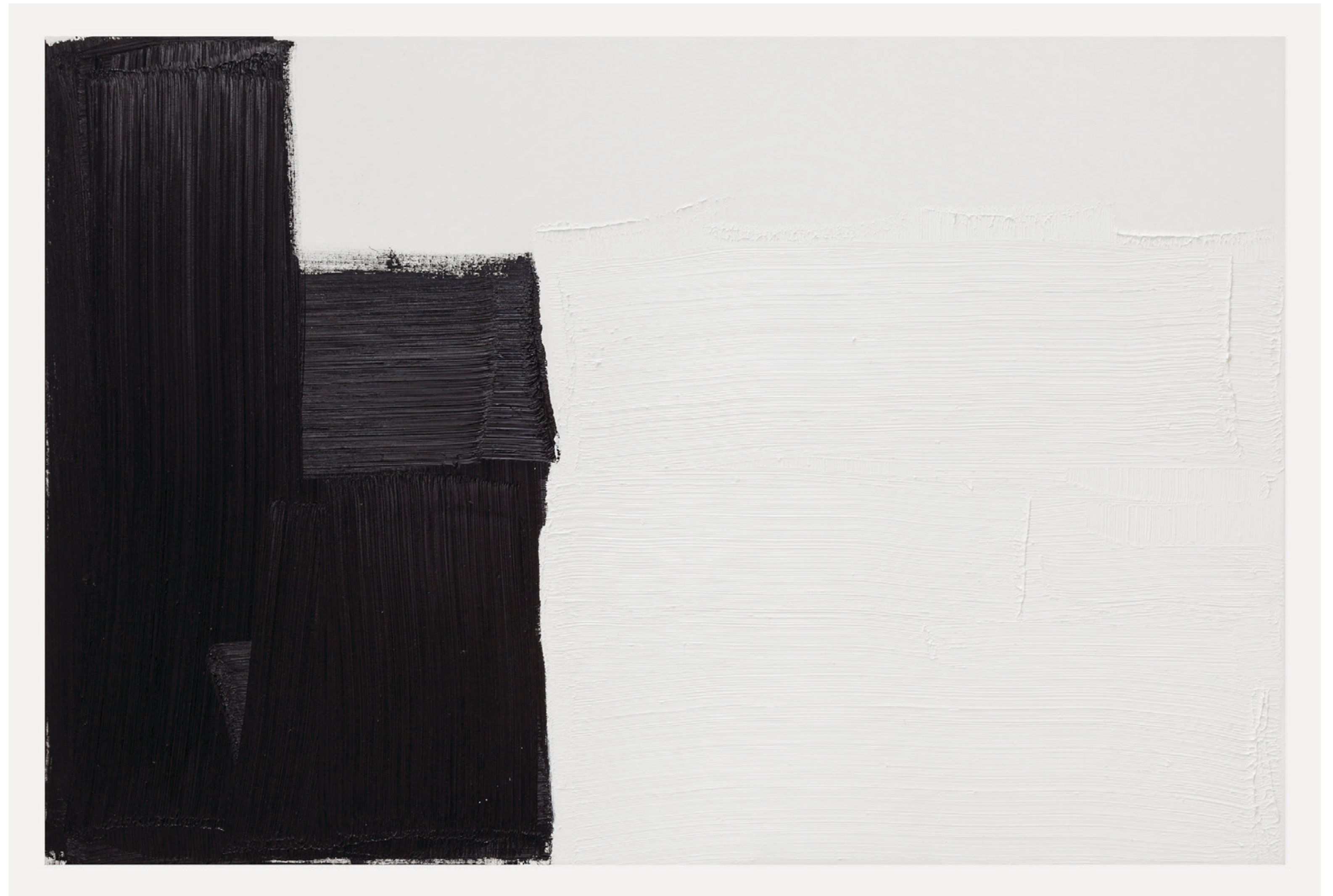
**Sem título** | 2017  
Óleo sobre tela  
*Oil on canvas*  
160 x 275 cm

roberto alban galeria



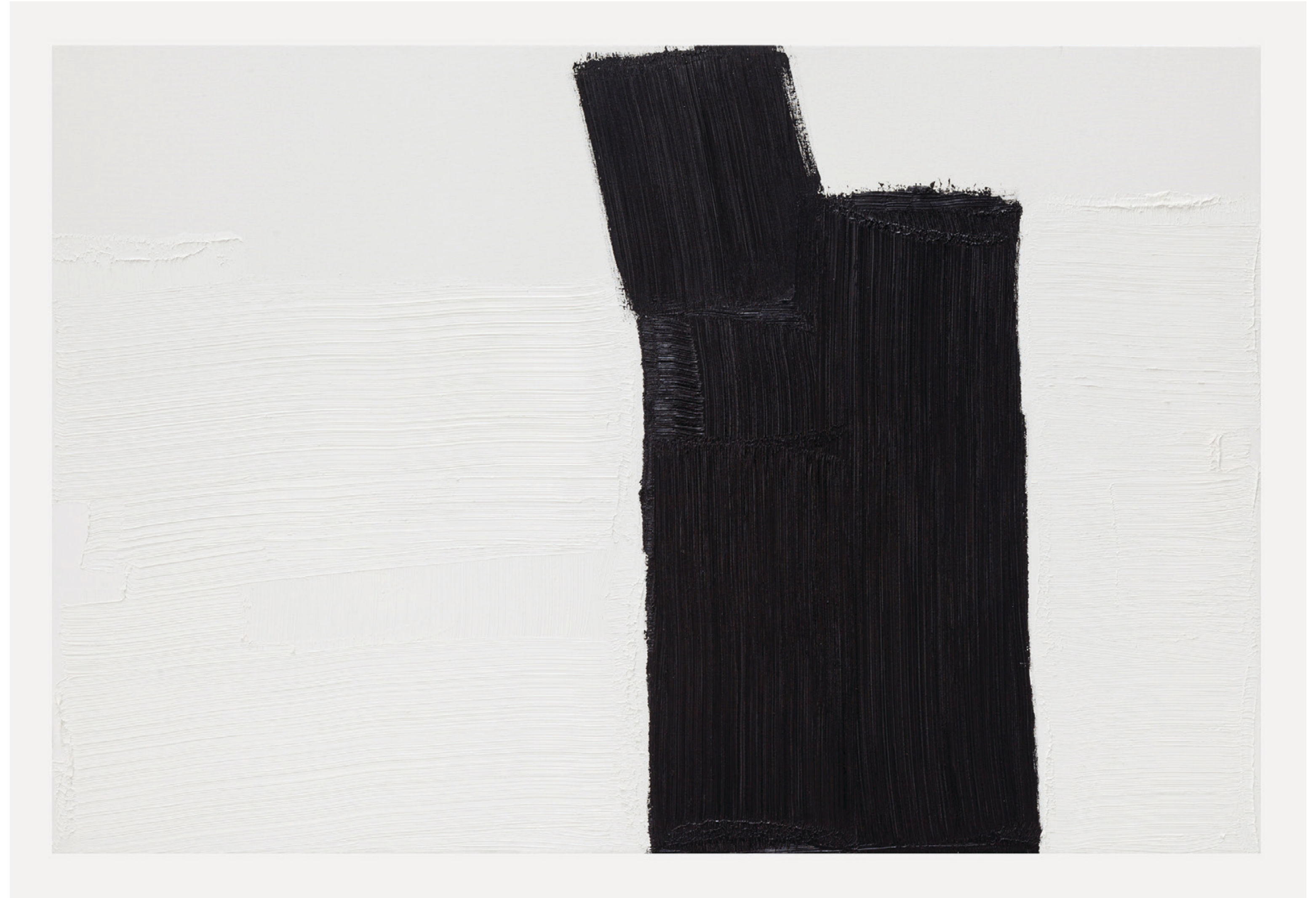
**Sem título** | 2017  
Óleo sobre tela  
*Oil on canvas*  
140 x 240 cm

CÉLIA EUVALDO PINTURAS

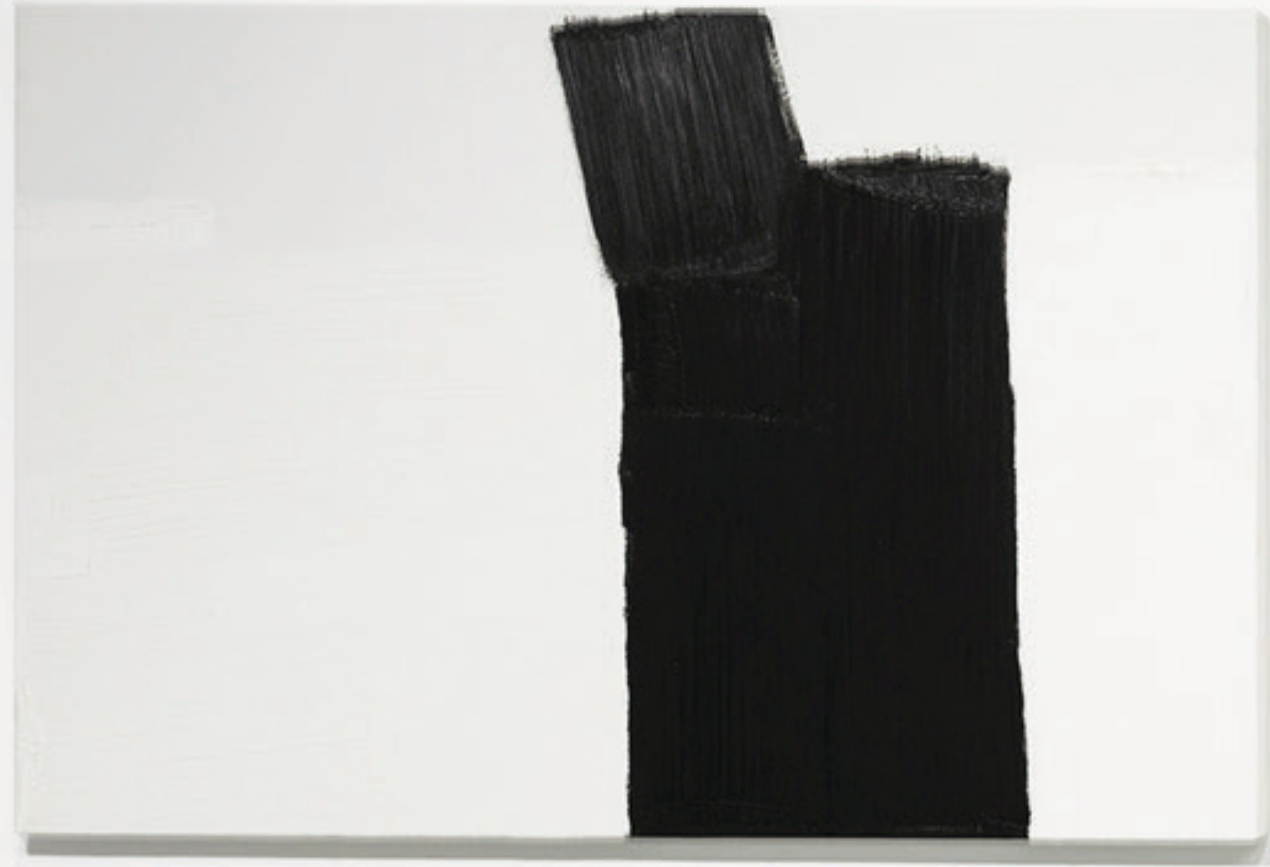


**Sem título** | 2021  
Óleo sobre tela  
*Oil on canvas*  
120 x 180 cm

roberto alban galeria



**Sem título** | 2021  
Óleo sobre tela  
*Oil on canvas*  
120 x 180 cm



CÉLIA EUVALDO PINTURAS

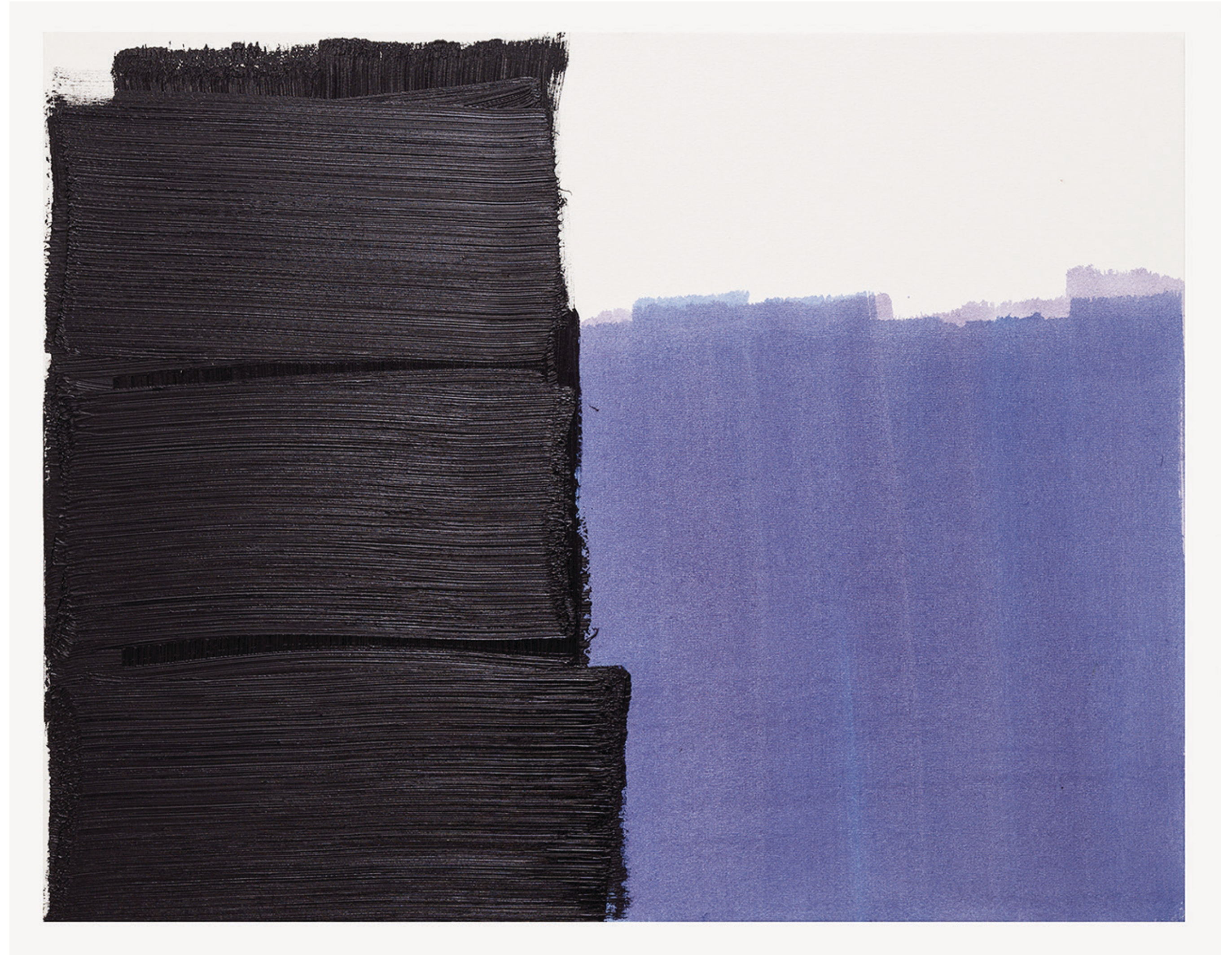
**Sem título | 2021**  
Óleo sobre tela  
*Oil on canvas*  
180 x 120 cm





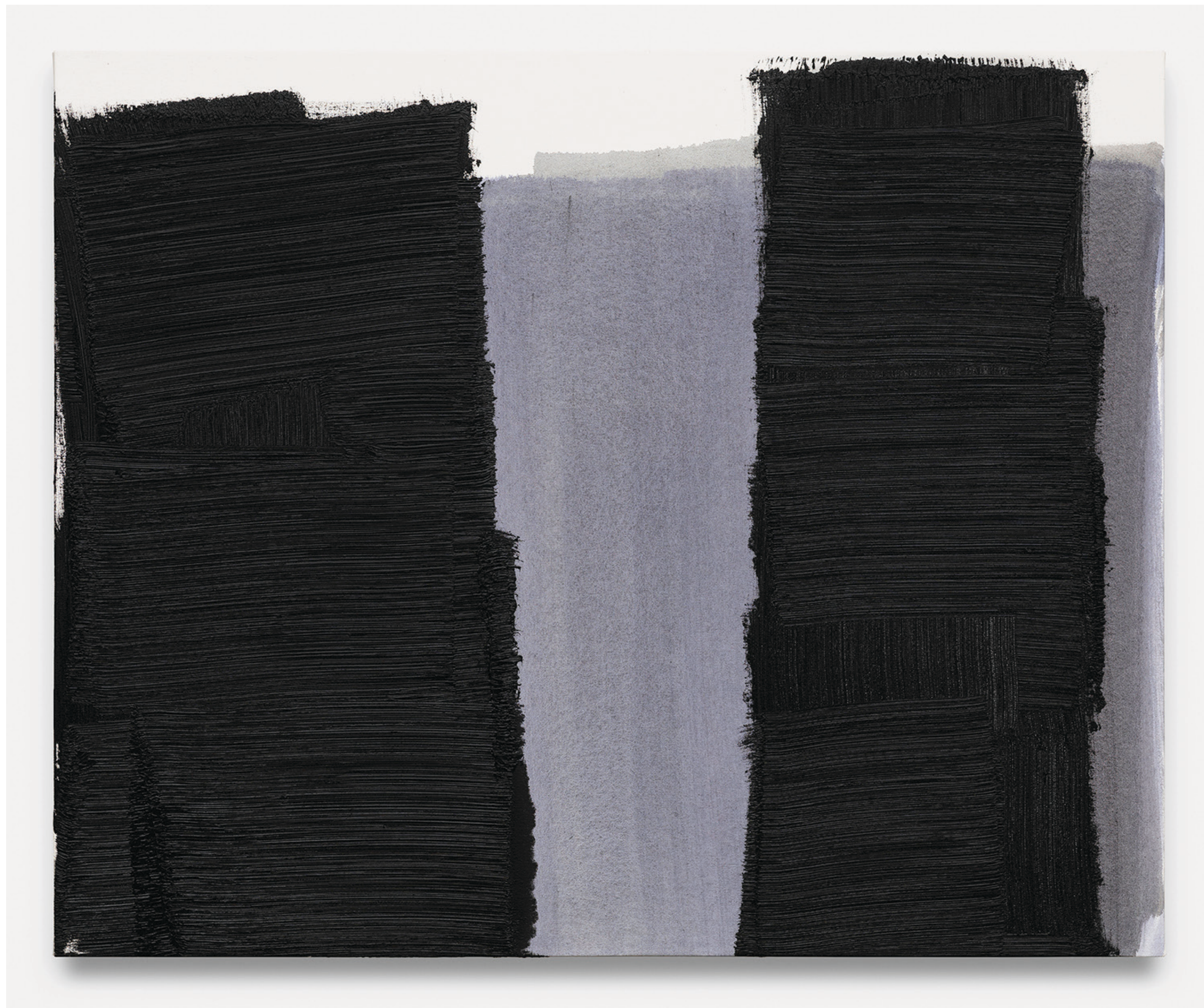
roberto alban galeria

Sem título | 2021  
Óleo sobre tela  
*Oil on canvas*  
100 x 130 cm



CÉLIA EUVALDO PINTURAS

**Sem título | 2018**  
Óleo sobre tela  
*Oil on canvas*  
100 x 120 cm

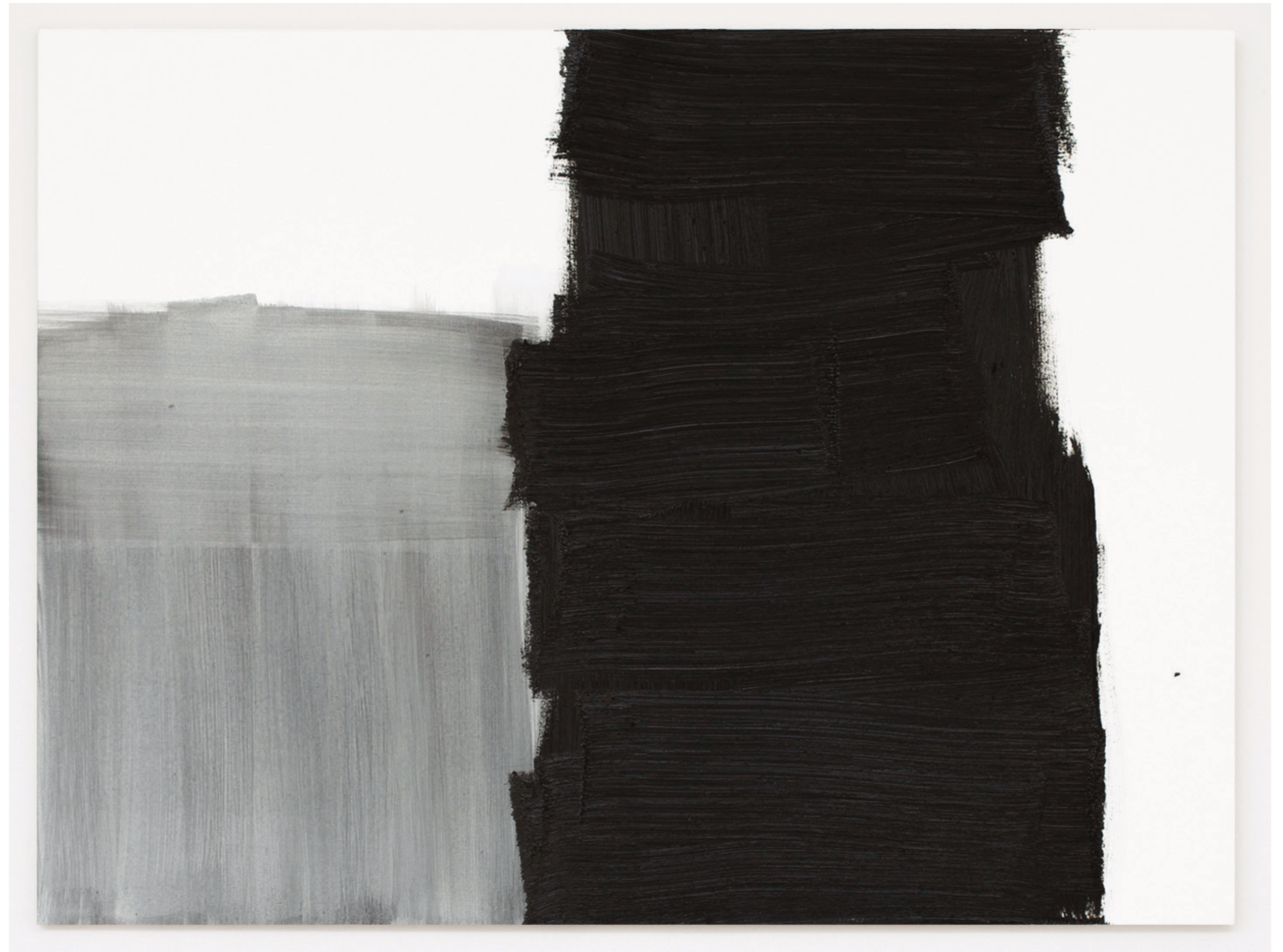


roberto alban galeria

**Sem título** | 2020  
Óleo sobre tela  
*Oil on canvas*  
220 x 170 cm



CÉLIA EUVALDO PINTURAS



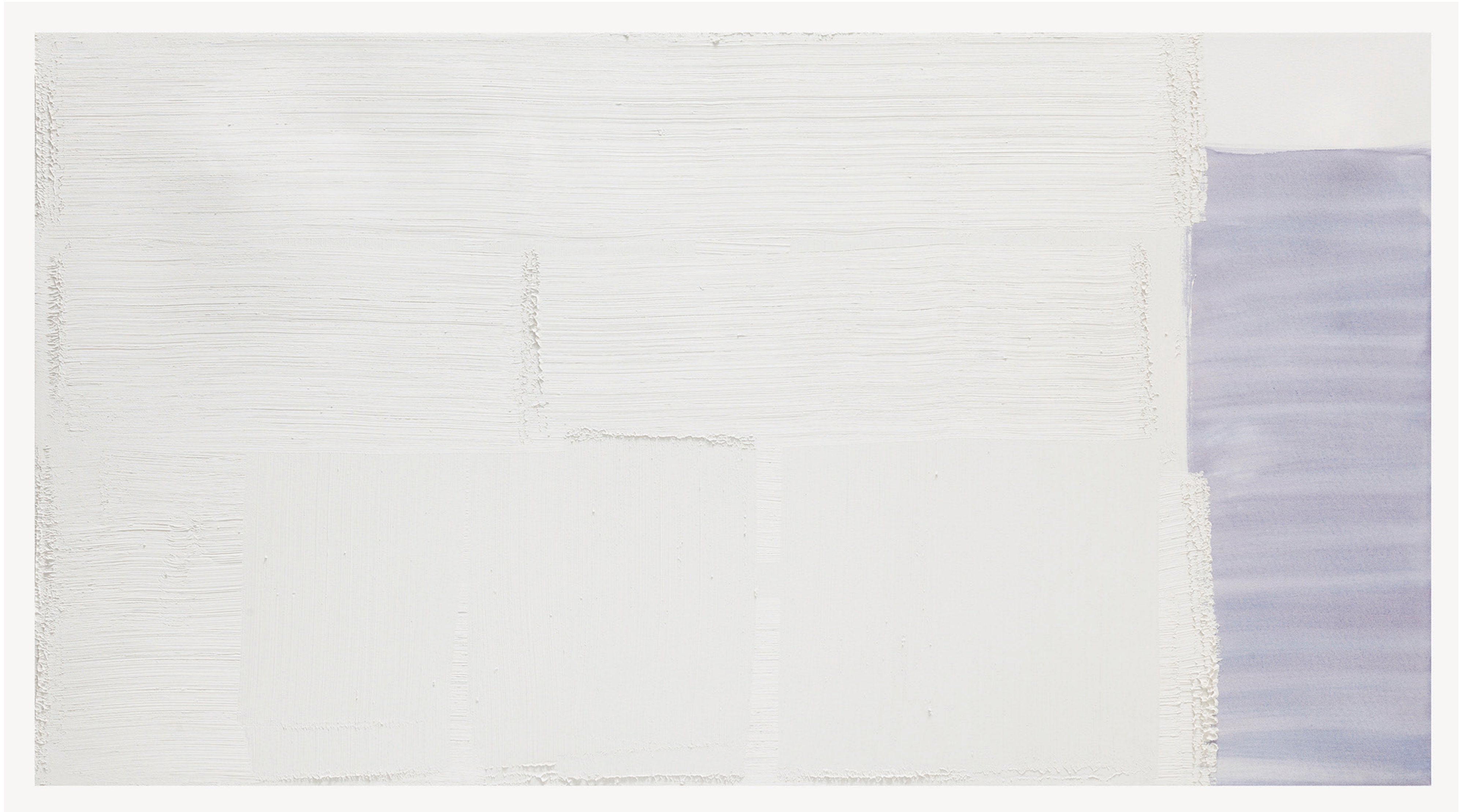
**Sem título** | 2016  
Óleo sobre tela  
*Oil on canvas*  
150 x 200 cm

roberto alban galeria

**Sem título** | 2018  
Óleo sobre tela  
*Oil on canvas*  
220 x 185 cm



CÉLIA EUVALDO PINTURAS



**Sem título** | 2019  
Óleo sobre tela  
*Oil on canvas*  
160 x 295 cm



CÉLIA EUVALDO PINTURAS

**Sem título** | 2015  
Acrílica sobre papel  
*Acrylic on paper*  
75 x 106,5 cm





roberto alban galeria

**Sem título** | 2015  
Acrílica sobre papel  
*Acrylic on paper*  
75 x 106,5 cm



CÉLIA EUVALDO PINTURAS



**Sem título** | 2015  
Acrílica sobre papel  
*Acrylic on paper*  
75 x 105 cm

roberto alban galeria

**Sem título | 2015**  
Acrílica sobre papel  
*Acrylic on paper*  
75 x 105 cm



## SOBRE A ARTISTA

Célia Euvaldo nasceu em 1955, em São Paulo, onde atualmente vive e trabalha. Realizou suas primeiras exposições coletivas no circuito nacional em 1987, no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, e em 1988, no Projeto Macunaíma, Funarte, também na mesma cidade. Obteve o 1º prêmio – Viagem ao Exterior – no 11º Salão Nacional de Artes Plásticas em 1989. Nos anos 90, realizou individuais na Paulo Figueiredo Galeria de Arte, em São Paulo, em 1991 e 93; no Paço Imperial, no Rio de Janeiro, em 1995 e em 1999; dentre outras. Suas últimas individuais foram na Galeria Simões de Assis, em Curitiba, em 2020, e na Galeria Raquel Arnaud, em São Paulo, em 2018. Suas obras estão em diferentes coleções públicas como no Museu de Arte do Rio de Janeiro (MAR), Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), Coleção de Arte da Cidade de São Paulo, Fundação Cultural de Curitiba e Museu do Estado do Pará.

## ABOUT THE ARTIST

*Célia Euvaldo was born in 1955, in São Paulo, where she currently lives and works. She carried out her first group exhibitions in the national circuit in 1987, at the Museu Nacional de Belas Artes, in Rio de Janeiro, and in 1988, at the Macunaíma Project, Funarte, in the same city. Euvaldo won the first prize – Trip Abroad – at the 11th National Show of Plastic Arts in 1989. In the 1990s, she carried out solo shows at Paulo Figueiredo Galeria de Arte, in São Paulo, in 1991 and 1993; at Paço Imperial, in Rio de Janeiro, in 1995 and in 1999; among others. Her latest solo shows took place at Galeria Simões de Assis, in Curitiba, in 2020, and at Galeria Raquel Arnaud, in São Paulo, in 2018. Her works are part of different public collections like the Museu de Arte do Rio de Janeiro (MAR), Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), Coleção de Arte da Cidade de São Paulo, Fundação Cultural de Curitiba and Museu do Estado do Pará.*



---

## roberto alban galeria

Rua Senta Púa, 53, Ondina  
Salvador BA Brasil +55 71 99981-8305  
[contato@robertoalbangaleria.com.br](mailto:contato@robertoalbangaleria.com.br)  
[www.robertoalbangaleria.com.br](http://www.robertoalbangaleria.com.br)